



REVISTA KINESIS



Revista Kinesis, Santa Maria, RS, v. 42, n. esp. 1, e84428, p. 1-16, 2024 • <https://doi.org/10.5902/2316546484428>
Submissão: 13/07/2023 • Aprovação: 15/08/2023 • Publicação: 02/ 08/ 2024

Dossiê Praxiologia Motriz

A lógica interna de uma situação motriz equestre: a Equoterapia em análise

The internal logic of an equestrian skills situation:
Hippotherapy in analysis

La lógica interna de una situación de conducción ecuestre:
la Equinoterapia en análisis

José Ricardo da Silva Ramos¹ 

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO

Este artigo é instigado especialmente pela Praxiologia Motriz (PM) de Pierre Parlebas contextualizando o grau de comprometimento da PM ou ciência da ação motriz no desvelar uma situação motriz específica: a Equoterapia. Objetivou-se compreender a logicidade interna dessa prática motriz no conjunto das suas relações e ações observáveis. O procedimento metodológico foi à análise praxiológica do como uma equipe equoterápica envolvida com essa prática equestre concebe o seu fazer e pensar. Os sujeitos da pesquisa foram dez agentes equoterápicos que participam do programa de atendimento equoterápico da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Conhecendo esse processo, indicamos as condições da observação e escuta das ações motrizes regulares, normatizadas por esses agentes, nos permitindo assim, olhar o curso de ações definidas de acordo com a lógica interna da situação analisada. Impetramos, então, que é possível conhecer a logicidade interna da Equoterapia a partir das condutas motrizes, relações corpóreas e noções espaciais significativas dos agentes equoterápicos investigados.

Palavras chave: Praxiologia Motriz; Equoterapia; Lógica interna



Artigo publicado por Revista Kinesis sob uma licença CC BY-NC-SA 4.0.

ABSTRACT

This article is instigated especially by Pierre Parlebas's Motor Praxeology (PM) contextualizing the degree of commitment of PM or motor action science in unveiling the constituent actions of a specific motor situation: Hippotherapy. The objective was to understand the internal logic of this motor practice in the set of its relations and observable actions. The methodological procedure was the praxeological analysis of how a team of equine therapy involved with this equestrian practice conceives its doing and thinking. The research subjects were ten hippotherapy agents who participate in the hippotherapy service program of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). The praxeological analysis was marked by the interpretative observation of hippotherapy motor meanings (actions); by the praxeological view of agents within this specific situation. Knowing this process, we indicate the conditions for observing and listening to the regular driving actions, standardized by these agents, thus allowing us to look at the course of conduct defined according to the internal logic of the analyzed situation. We claim, then, that it is possible to know the internal logic of Hippotherapy from the motive actions, bodily relationships and significant spatial notions of the investigated hippotherapy agents.

Palavras-chave: Motor praxeology; Hippotherapy; Internal logic

RESUMEN

Este artículo es instigado especialmente por la Praxiología Motriz (PM) de Pierre Parlebas que contextualiza el grado de compromiso de la PM o ciencia de la acción motriz en el desvelamiento de las acciones constitutivas de una situación motriz específica: la Equinoterapia. El objetivo fue comprender la lógica interna de esta práctica motriz en el conjunto de sus relaciones y acciones observables. El procedimiento metodológico fue el análisis praxiológico de cómo un equipo de equinoterapia involucrado con esta práctica ecuestre concibe su hacer y pensar. Los sujetos de la investigación fueron diez agentes de hipoterapia que participan del programa de servicio de hipoterapia de la Universidad Federal Rural de Rio de Janeiro (UFRRJ). Conociendo este proceso, indicamos las condiciones para observar y escuchar las acciones motrices regulares, estandarizadas por estos agentes, lo que nos permitió mirar el curso de las acciones definidas de acuerdo con la lógica interna de la situación analizada. Afirmamos, entonces, que es posible conocer la lógica interna de la Equinoterapia a partir de las conductas motrices, relaciones corporales y nociones espaciales significativas de los agentes hipoterapéuticos investigados.

Palabras clave: Praxiología Motriz; Equinoterapia; Lógica interna

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é instigado especialmente pela Praxiologia Motriz (PM) de Pierre Parlebas¹, identificando o grau de comprometimento da PM ou ciência da ação motriz no desvelar as ações constituintes de uma situação motriz específica: a Equoterapia. Almeja compreender a logicidade interna dessa prática motriz, o conjunto das suas relações e ações observáveis, ou seja, traçar sua carta de identidade, que pressupõe a

¹ PARLEBAS, P. Jeux, Sports et Sociétés. Lexique de Praxéologie Motrice. Paris: Collection Recherche, 1999.

condução científica de um olhar orientado nas ações protagonizadas pelos sujeitos inseridos nessa situação específica.

Para ser aplicada em nosso estudo (a linguagem da Equoterapia), elegemos a PM. Delinearemos, então, as suas linhas conceituais e simultaneamente esclareceremos a logicidade interna da situação motriz que escolhemos: a Equoterapia².

Mas, o que é a Praxiologia Motriz? Segundo Parlebas (1999, p. 264), a PM constitui a ciência da ação motriz e notadamente as suas condições, os modos de funcionamento de um evento motor e os efeitos do seu desenvolvimento. Desse modo, a ciência praxiológica se interessa por um objeto de investigação que se constitui através da ação motriz, dependente dos sujeitos que vivenciam um encontro motor determinado para brincar, jogar, dançar, lutar etc (Parlebas, 1999, p. 37).

A PM parte da demanda de que um tipo de ação motriz convencional é resultado do cumprimento físico de uma tarefa-alvo que pode ser estratégica, técnica e/ ou pedagógica por meio de construções semiológicas de antecipação, interação, competição, comunicação etc. Assim, a construção da análise praxiológica não pode ser realizada sem se considerar a logicidade interna da prática motriz (situação motriz ou encontro motor) que une a dimensão situacional, semiológica e a dimensão do processual das condutas motrizes³. As condutas motrizes, seguindo a perspectiva semiológica, são os comportamentos motores portadores de significação em que os dados motores observáveis investidos de sentidos, vinculados de maneira consciente ou inconsciente pelo sujeito que se move, podem ser observados, descritos, tratados pedagogicamente por uma disciplina específica⁴ e/ou analisados dentro da sua lógica interna situacional.

² A Equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, nas áreas da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência e/ou necessidades especiais (Ande, 2020, p. 9).

³ A conduta motriz considera que o sujeito que atua dentro de uma prática motriz está ativando de modo sistêmico e unitário as dimensões que caracterizam sua individualidade motriz, pessoal e social, referente ao pensar, sentir e agir em qualquer situação motriz (Araújo; Franchi; Lavega, 2020).

⁴ Parlebas (1986) defende a ideia que a disciplina que cuida pedagogicamente das condutas motrizes do sujeito que se move é a Educação Física. Para ele, a Educação Física é uma pedagogia que trata dos conhecimentos extraídos do universo das manifestações motrizes, culturalmente e historicamente construídos pela humanidade ao longo do tempo e disponíveis no eixo curricular/disciplinar da matéria.

Destacamos, nas observações acima, as combinações, a partir da interação com outros e com espaço que nos mostram a importância de justificar os domínios da ação motriz na ciência praxiológica. O escopo aqui tenta apontar os domínios que configuram as interações do tipo sociomotor de cooperação [P] que derivam de práticas motrizes onde dois ou mais sujeitos cooperam para alcançar uma tarefa em comum. A interação com adversários [A] que representa as práticas motrizes em que um jogador ou mais jogadores se enfrentam; o domínio motor de cooperação-oposição [PA], compostos pelas práticas motrizes em que vários jogadores cooperam no sentido do enfrentamento até obter êxito numa disputa coletiva. O domínio psicomotor [Ø] que está representado nas situações motrizes em que os sujeitos jogadores não interagem entre si, ou seja, o jogador intervém solitariamente, desprovido de interação motriz. Este último domínio define a classe de situações psicomotrizes.

A lógica interna de uma prática motriz instiga a identificar também a dimensão espacial e a sua relação com o(s) jogador(es). Se o espaço é padronizado e/ou oficialmente estandardizado, orienta o jogador para certa regularidade nas suas condutas motrizes. O encadeamento das condutas alcança um ponto de rara incerteza do meio físico, ou seja, com alto grau de padronização do meio físico [\bar{I}]. Porém quando o espaço é incerto [I] ou não padronizado, o(s) jogador(es) mantém um constante diálogo com o ambiente, percebe sinais do meio e buscam prenunciar os efeitos ambientais de um meio "selvagem".

A relevância conferida pelo autor da PM aos domínios das manifest(ações) motrizes parte de um modo de conceber que num jogo, esporte, danças, lutas ou uma prática motriz equestre são estabelecidas relações com outros, com o espaço, tempo e materiais, e confere-se ao sujeito usuário dessas práticas até certa autonomia, desde que sempre submetida ao sistema das ações motrizes. Logo, as ações motrizes, na ótica de Parlebas (1999), instituem-se como uma instância de estruturação de interações comunicativas, contracomunicativas, incertas,

padronizadas, psicomotrizes; critérios que têm uma fundamentação conceitual que anunciam a logicidade interna nas práticas motrizes.

A lógica interna de uma prática motriz é o lugar representativo das manifestações e das condutas motrizes dos sujeitos. Nesse cenário, há um contrato lúdico, responsável pela organização das condutas motrizes, que não deixa de validar os vários modos dos sujeitos narrarem as ações motrizes. Porém, esse contrato implica na obediência a um princípio fundamental: atuar no sistema motor interativo. Este deriva do reconhecimento da lógica interna, responsável pela validade das ações, do saber fazer interativo que a prática motriz proporciona. Temos como exemplo para esquematizar essa condição dentro da perspectiva praxiológica um encontro motor: a Equoterapia⁵.

2 ANÁLISE PRAXIOLÓGICA DA EQUOTERAPIA

Como a Equoterapia se insere no universo das ações motrizes estruturadas, onde sujeitos interagem e interpretam condutas motrizes com significações, almejamos examinar praxiologicamente essa situação motriz. Então, o que é Equoterapia? E por que a escolha de tal prática para análise? Ressaltemos que o termo, por si, já é elucidativo: Equoterapia designa atividades com cavalos (*Equus*, palavra latina equídeos) na forma terapêutica (do grego *therapeia*). Este tipo de atividade motriz necessita do cavalo, que é usado como um agente gerador de movimentos. Ele prima por um tipo de andadura específica, o passo⁶, sendo este um tipo de andadura mais favorável ao estabelecimento da linguagem convencional entre cavalo e praticante,

⁵ A Associação Nacional de Equoterapia no Brasil (ANDE) reconhece divergências conceituais e semânticas a respeito do nome dado a este tipo de atividade humano-cavalo: hipoterapia, equitação equestre, reabilitação e educação equestre (ANDE, 2020). No ano de 1989, aqui no Brasil, a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE) instituiu a palavra "Equoterapia" com o objetivo de caracterizar o uso do cavalo como recurso terapêutico e/ou educacional em todo território brasileiro (Oliveira *et al.*, 2011, p. 24). É a partir desse termo Equoterapia acordado pela ANDE (2020) que vamos nos posicionar.

⁶ O passo é o tipo de andadura tradicional na Equoterapia. Estrategicamente significativa para excitar menos o cavalo, conservando o cavalo em bom estado de receptividade. O passo é uma andadura simétrica, de quatro tempos, na qual os membros do cavalo se elevam e pousam sucessivamente, fazendo, desse modo, quatro batidas distintas no solo (Ande, 2020, p. 30-31).

permitindo a este permanecer numa íntima ligação em sua montada (ANDE, 2020, p. 31).

A terapia assistida por cavalos (a Equoterapia) tem suas origens num hospital ortopédico no ano de 1901, na Inglaterra. Oliveira *et al.* (2011) parte desse recorte considerando que foi em função do número de feridos e mutilados das grandes guerras que uma dama inglesa “resolveu levar seus cavalos a fim de quebrar a monotonia do tratamento dos mutilados. Tal atitude se transformou no primeiro registro de uma atividade equestre ligada a um hospital” (Oliveira *et al.*, 2011, p. 19). Assim, esse tipo de atividade humano-cavalo é historicamente sustentado, sobretudo pelo cavalo que adere a um programa equestre de reabilitação, terapia e/ou educação. Em geral, é constituído por uma equipe multidisciplinar⁷ tendo como ator principal o praticante⁸. Este termo esforça-se para parecer mais superador que do paciente. Porém, a nosso ver, tanto o campo equoterápico quanto o da equitação são áreas equestres que atuam com um cavaleiro, sendo tais demandas na Equoterapia interpretadas como demandas específicas⁹.

A proposição desse artigo é que através da análise praxiológica realizada dentro de um programa de Equoterapia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (a UFRRJ) pode-se desvendar dados semiológicos sobre a lógica interna nesse tipo de programa. Os 10 sujeitos da pesquisa são os agentes equoterápicos da Equoterapia da UFRRJ¹⁰. Para nós, este espaço é um campo aderente para se desvendar as ações motrizes significativas dos agentes e seus modos de interagir.

⁷ De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (2020, pp 12 – 15) todo centro equoterápico deve dispor de uma equipe multiprofissional, constituída de profissionais da saúde, educação e equitação, atuando de forma interdisciplinar.

⁸ Praticante é um termo desenvolvido pela Associação Nacional de Equoterapia que desconstrói a ideia de um paciente sobre o cavalo que apenas está submetido aos movimentos do cavalo e assim não age nem diretamente sobre o mesmo: “nesta atividade, o sujeito do processo participa de sua reabilitação, na medida em que interage com o cavalo (Ande, 2020, p. 10).

⁹ Cavaleiro em condições específicas tende para normas e atributos aceitáveis da Educação Especial na equitação atualizando os sujeitos que se inserem nesse campo nas características específicas de desvantagens ou dificuldades em seu desenvolvimento.

¹⁰ Partimos da hipótese de que as produções motrizes da Equoterapia da UFRRJ auxiliam o olhar sobre a lógica interna desse programa e também permitem discutir as ações motrizes com significação dentro dessa prática motriz.

Neste ensaio de intervenção pedagógica destacamos as particularidades estruturais (a lógica interna) de uma modalidade equestre sistematizada: a Equoterapia da UFRRJ. Ainda que seja possível ressaltar características comuns das práticas equoterápicas, atividades equestres e/ou nas relações entre humanos e equinos, estamos observando a semiologia motriz que ressalta um tipo de Equoterapia Educacional. Desse modo, essa prática observada pelas lentes da Praxiologia Motriz aponta modos corpóreos expressivos entre os sujeitos inseridos numa prática motriz e/ou situação motriz distinta.

Para a análise de uma prática motriz com o enfoque praxiológico, devemos apontar os dados semiológicos que circulam entre atos e ações motrizes (expressões corpóreas) dos que constroem um tipo de Equoterapia, pois para se conhecer qualquer situação motriz temos (dentro da abordagem praxiológica) que pôr em relevo as expressões corpóreas dos sujeitos que fazem uso de determinada situação motriz. São elas que nos revelam sua estrutura, conexões, relações, interações motrizes de maneira sistêmica. Esses dados foram obtidos por meio da observação das condutas motrizes dos agentes equoterápicos com anotações de diário de campo. Os investigados demonstram ações sociomotrizes de uma equipe que coopera todo o tempo de uma sessão equestre. Isso em função de atender educacionalmente as vicissitudes do cavaleiro especial.

A lógica interna equoterápica mostra-nos relações particulares de solidariedade motriz, com o todo que atua na prática motriz, com o cavalo e a realidade práxica equestre. Dessa forma, estamos diante de uma prática que as atividades dos agentes equoterápicos devem se constituir por ações de cooperação, amparo motriz e papéis fixos para o desenvolvimento comunicativo entre humanos e equinos.

Nesse sentido, buscamos a partir de dados semiológicos¹¹, realizar o estudo praxiológico em que o objeto de análise é a lógica interna equoterápica: o espaço físico, tempo e os modos de interação da Equoterapia da UFRRJ e as suas estratégias

¹¹ Os dados semiológicos são sinais que o sujeito que se move produz quando joga, brinca, luta ou dança. São chamados signos dentro dessas manifestações motrizes. Ao produzir signos os sujeitos estão produzindo uma "semiologia da motricidade que oferecida ao pesquisador que deseja aprofundar os seus registros simbólicos da ação motriz" (Parlebas, 1999, p. 322, tradução nossa).

de ações. Esse espaço é constituído por um ambiente equestre (o picadeiro¹²), lúdico, domesticado, agradável, em que a posição do cavaleiro se encontra no centro de uma situação comunicativa que constitui um espaço de trocas com o cavalo/agente equoterápico, com a equipe/agentes equoterápicos (mediador e auxiliar lateral) e com o auxiliar guia/agente equoterápico que atua na Equoterapia para a condução do cavalo pelo picadeiro. Essas relações interativas são definidas por meio das condutas motrizes (praxemas, gestemas e a linguagem verbal) dos sujeitos/agentes equoterápicos incluídos num sistema praxiológico conferido por normas equoterápicas.

3 A PRODUÇÃO DE AÇÕES INTERATIVAS ENTRE HUMANO-EQUINO

De um modo geral, podemos analisar a Equoterapia como um evento sociomotor em que a equipe, cavaleiro e cavalo desencadeiam um processo de comunicação, ou seja, uma atmosfera de situações colaborativas de encontros corpóreos que produzem ações sociomotrizes. Tais ações são expressas por códigos praxêmicos¹³ (posturas, orientação corporal, apoios, toques, itinerário espacial, aceleração, antecipação etc.), pelos códigos gestêmicos¹⁴ (atitudes, gestos, mímicas, pedidos corpóreos, beijos para o cavalo sair ao passo, estalos com a língua, indicações sem comunicações verbais) e códigos verbais (falas, ruídos). Uma sessão¹⁵ equoterápica desse modo tem como destaque o acordo sociomotor (abstruso) desses signos corpóreos.

O cavaleiro especial está sobre o cavalo. Ele, o cavalo e a equipe estão num ambiente comunicativo que se fundamenta num espaço padronizado para as ações

¹² Chamamos de picadeiro o lugar de equitação equoterápica. Uma área projetada para atividades a cavalo em ambientes domesticados (aberto ou fechado).

¹³ O praxema é definido por Parlebas (1999) como conduta motriz de um jogador interpretado como signo, em que o significante é o comportamento motor observável e o significado é o projeto estratégico que foi percebido (Parlebas, 1999, p. 260, tradução nossa).

¹⁴ Classes de atitudes, mímicas, gestos do comportamento motor com objetivo de transmitir alguma solicitação, seja uma indicação, seja uma indução tática ou relacional pela simples substituição da palavra (Parlebas, 1999, p. 15, tradução nossa).

¹⁵ Segundo a Associação Nacional de Equoterapia (2020, p. 40), uma sessão de Equoterapia dura em torno de 30 minutos, tempo necessário para o praticante receber em torno de 1.800 a 2.200 ajustes tônicos (estímulos ao sistema nervoso central). A prática pode ser feita de uma a duas vezes por semana.

solidárias. Os encontros corpóreos entre os agentes formam praxemas e gestemas sociomotores, preservam-se de funções solidárias como um substituto ou apoio da linguagem verbal. Eles regulam as inter(ações) equestres e dirigem a rede de papeis¹⁶. As ações acolhem, nesse sentido, as funções sociomotrizas de complementação da comunicação não verbal, de aceitação da aproximação corpórea entre os agentes e como (valor)iz(ação) significativa das relações solidárias. A lógica interna que constitui esse grau de intimidade é solidária, pois é ela que vai engendrar as ações, os gestos e a comunicação verbal e não verbal entre os agentes.

Nota-se que a equipe também é acionada e começa a caminhada, todos juntos pelo espaço do picadeiro. O mediador e o auxiliar lateral sustentam a proximidade corpórea com o cavaleiro. Essas condutas sociomotrizas são estrategicamente significativas com toques sutis com as mãos na cintura, nas costas e nas pernas do cavaleiro que são conservados do início até o fim da sessão. Os toques vão causar as ações de solidariedade que necessitam compor as interações sociomotrizas da Equoterapia.

Toda a equipe equoterápica compreende esse jogo e acolhe o código consensual que é uma das propriedades da lógica interna da situação. O mediador por estabelecer um nível de confiança da equipe tem o papel de líder da equipe, que é possível observar nas suas ações motrizes, na sua postura corpórea, gestos e nos seus atos de linguagem verbal. Assim, suas funções estratégicas anunciam um nível de liderança ligado ao seu modo de agir: como a entonação da voz, tranquilidade nas ações, o modo de comandar a sessão, cujo valor para Parlebas (1999, p. 392) é mostrar o *status* sociomotor que faz parte do jogo estratégico situado em determinada situação motriz.

Analisamos que as ações motrizes do mediador denotam a liderança no plano verbal e não verbal, a distância mais íntima com o cavaleiro especial e a proposição

¹⁶ A rede de papeis frente à conceptualização de uma situação sociomotriz é definida por Parlebas (*apud* Castalenas *et al.*, 1993, p. 34, tradução nossa) como "o status traduzido em atos, o status dinamizado que toma corpo. Um papel encontra sua pertinência em três grandes setores da ação: a interação motriz a respeito de outra ação, com o espaço e as relações com outros mediadores. Este conceito não define os indivíduos senão o tipo de ação..."

de jogos e brincadeiras durante a sessão. Tais ações nos permitiram observar o turno principal da fala. Podemos concluir que nesse papel, o mediador tem o poder da voz em relação aos outros na equipe. Assim, o modo de organização da lógica interna da prática equoterápica evidencia um discurso direto, vertical e centrado no mediador. Logo o seu comportamento demonstra um estilo de comando, da socialização das informações para todos os agentes e a identificação do líder, indicando as tarefas que devem ser cumpridas dentro da sessão. Essas ações cooperativas consistem em estratégias lúdicas, sedutoras para atingir o objetivo de o cavaleiro gostar da prática equoterápica.

Essas ações motrizes nos mostram o valor do auxiliar lateral de coadjuvante na prática equoterápica. Na Equoterapia, ele sublinha um papel de ajudante do mediador, simétrica com as ações do mediador que se distinguem como reflete Parlebas (1999) dentro das ações e não de fatos humanos individuais. Observa-se, desse modo, o *status* de auxiliador no nível praxiológico são as estratégias de cooperação nessa situação equestre, as quais geram implicações de proximidade com cavaleiro semelhante à de um guarda corpóreo do outro que está alerta para as situações negativas que possam, por acaso, vir a acontecer.

Uma vez levantado o *corpus* motor da situação foi contrastado que as falas dos agentes podem-se assim definir a lógica interna. As ações motrizes dos que se movimentam numa prática estruturada é a primeira tarefa da PM. Assim, é possível observar, levantar e interpretar as condutas que caracterizam cada ação motriz. São as condutas motrizes que dão significação aos atos de cooperação entre parceiros [P], da não existência de antagonistas e antagonismos [\bar{A}], da não incerteza espacial como jogo estratégico no interior da situação domesticada e estandardizada da Equoterapia [\bar{I}], que são próprios de um contrato lúdico, peculiar e sociomotor, colocando as ações como inferências contextuais ou como um *corpus* não verbal que é constituído de certo saber fazer corporal (a lógica interna). Isso tudo tem a ver com ciência da ação motriz.

Aí está porque elegemos a distinção entre a Equitação Clássica e a Equoterapia. As ações motrizes da Equitação consistem na composição de uma situação que configura a relação do cavaleiro com o cavalo, em decorrência de uma sociomotricidade entre cavaleiro e cavalo. No entanto, as operações do cavaleiro destacam o desenvolvimento motor isolado do mesmo, de modo a cumprir uma tarefa que caracteriza experiência comando/sujeição do cavalo, ainda que as inferências partilhadas entre sujeitos (considerando o cavalo também como sujeito) sejam de um saber fazer sociomotor dado no interior do contrato solidário. A segunda prática motriz se sustenta dentro de um conjunto de ações motrizes semelhante ao tipo de situação anterior (Equitação Clássica), porém as ações são dirigidas de acordo com as necessidades do cavaleiro em condições específicas. Uma vez constatado esse contrato interno, é possível emanar à lógica dessas ações particulares entre cavaleiro e cavalo.

A terceira observação aborda o papel do auxiliar guia. Suas ações são reconhecidas em seu papel de interlocutor direto com o cavalo na medida em que produzem signos de intercâmbio (partidas, andaduras, interrupções, contornos, paradas, apejar...). Em consideração a sua tarefa de movimentar o cavalo no espaço equoterápico, as suas condutas buscam ser transparentes para o cavalo no sentido de todos os agentes circularem pelo picadeiro se entendendo reciprocamente. É um saber fazer do auxiliar guia que lhe dá um *status* de conduzir o cavalo que pode ser reconhecida enquanto representa tal papel, portando as ações de condução do cavalo no espaço interno da Equoterapia que lhe dá legitimidade em tal situação motriz, sem as quais ele não será atendido pelo cavalo e assim não será reconhecido pela equipe e pelo público.

As ações do auxiliar guia são, pois, significantes para o cavalo. A observação de seus modos de agir deve ser sempre compreensível para o cavalo, e produzir significações que revelam a particularidade da relação humano-equino. Por exemplo, o gestema: “beijinhos” significa acionar o cavalo para frente. É um gestema reconhecido no universo equoterápico por tratar de um gesto que detém uma

significação equestre. Os casos das falas de comando do mediador denotam uma intimidade do auxiliar guia e o cavalo. Trata-se de falas unidas a praxemas e gestemas que têm efeito de intimidade com o cavalo que detecta a entonação de vozes que tem significação de, por exemplo, aumentar a frequência do passo, diminuir o passo, acalmar o cavalo.

Pode-se expor que as ações do auxiliar guia aparecem como significantes de garantia do controle do cavalo, funcionando como um signo de responsabilidade pelo cavalo. Desse modo, a credibilidade não se fundamenta tanto na individualização do sujeito guia, mas no conteúdo das suas condutas. As suas ações motrizes é que forjam sua identidade, o que com certeza pode estar ligado à sua personalidade. Porém, ela é construída em função das ações de um auxiliar guia para Equoterapia que sabe conduzir o cavalo pelo picadeiro, que cumpre as ordens do líder, que atenta para os possíveis transtornos do cavalo, que cria um ambiente descontraído para a prática equestre, que sabe se comunicar bem com a equipe e com o cavalo. Esses seus atributos são satisfeitos pela via das ações motrizes, enquanto valores motores que o atesta de responsabilidade na equipe, permitindo assim a possibilidade da produção de significados intrinsecamente equestres articulados a um tipo de lógica interna de credibilidade, ludicidade e inclusão.

Desse modo, o cavaleiro não deixa de ajustar suas condutas motrizes sobre o cavalo, porém abdicar da sua autonomia por vontade da equipe faz parte do contrato, pois os agentes zelam pela tarefa da realização integral dos resultados gerados do movimento tridimensional do cavalo sobre o sujeito cavaleiro. Daí a solicitação de ações comunicativas entre os membros da equipe para sustentar o efeito tridimensional do cavalo sobre o cavaleiro especial, tanto por meio dos seus ajustes posturais psicomotrizes quanto pela sua vulnerabilidade comportamental.

As ações analisadas são marcadas na perspectiva sociomotriz da equipe e a psicomotricidade do cavaleiro nessa faceta específica da Equoterapia. Na perspectiva psicomotriz, o cavaleiro especial é convocado para ajustar e controlar sua

psicomotricidade¹⁷ de acordo com as oscilações dos movimentos empregados pelo cavalo. Essa perspectiva tem a sua preponderância, admitindo que este ponto de vista trate da tarefa tradicional da Equoterapia de favorecer o movimento tridimensional do cavalo. Entretanto, a convenção sociomotriz é um pacto que ocorre nessa situação que indica a solidariedade com o outro no início até o momento de apear¹⁸ o cavalo. As duas perspectivas parecem indicar que o cavaleiro está envolvido de maneira atenciosa aos cuidados da equipe.

Esses modos de organização das ações do cavaleiro especial se alternam numa sessão em razão da tarefa de garantir as ações tridimensionais para o cavaleiro, intrinsecamente relacionadas ao movimento do cavalo que devem ser transmitidas para ele. A situação equoterápica coloca essa tarefa em pauta: 1) Garantir as ações tridimensionais do cavaleiro em condições específicas; 2) Avalizar a credibilidade da equipe, que nas relações cavalo e cavaleiro, transmitem condutas de confiabilidade a fim de atender às suas necessidades específicas não só na montaria, mas na Equoterapia como um todo.

Pode-se contar, nesse sentido, com o elemento lúdico constituído para garantir essas duas tarefas, e este está compreendido nos traços colaborativos da equipe, que decerto estão também ligados ao caráter solícito do cavalo, treinado em função da prática equoterápica, que atende seus cavaleiros (um de cada vez), dentro de um ambiente lúdico, mas com leis, contratos, pactos e convenções. Agir sobre o cavaleiro é o que distingue o cavalo, “ser o gerador do movimento tridimensional” é o *status* que fundamenta o cavalo na Equoterapia, a tarefa motriz de “movimentar de acordo com as normas equoterápicas” ou “incluir por meio do movimento tridimensional” são valores contemplados via as ações do cavalo; este, enquanto agente que coopera, desconstrói o sentimento de circunspeção num atendimento na área da saúde.

É precisamente a lógica interna organizada para essa situação que permite compatibilizar esses dados contrastivos, provocando a seriedade do programa, mas,

¹⁷ A Psicomotricidade como parte da PM pesquisa as ações isoladas pertinentes ao conhecimento e uso de uma prática motriz, tais como a do processo de aquisição de uma situação motriz e o processamento psicológico do sujeito (um ator que apenas não se move, mas é ator/sujeito das suas condutas motrizes).

¹⁸ Apear dentro das práticas equestres é o ato de descer do cavalo ou sair da montaria.

sobretudo, a ludicidade. Assim, os praxemas do tocar o cavalo, se aproximar dele numa posição rebaixada, fazer carinho no seu pescoço e crina fazem parte desse clima lúdico e funcionam como estratégias necessárias para seduzir o cavaleiro para a relação táctil com o cavalo e a montaria.

A proeminência atribuída ao cavalo na Equoterapia destaca-se nas suas ações motrizes, neste particular, o movimento tridimensional, como a expressão sígnica que assume o valor semântico da Equoterapia. Embora apresente uma relevância destacada na sua ação motriz do movimento tridimensional, a ele não confere nenhuma autonomia dentro desse sistema motor, ou seja, não pode desviar-se da lógica interna da situação para entrar numa esfera funcional independente ou em outra estrutura equestre distinta da Equoterapia. É neste sentido que a análise de uma situação motriz está comprometida com os estudos das práticas sociais da linguagem (RAMOS, 2007), ainda que continue sendo uma abordagem praxiológica; uma abordagem que procura sua fundamentação conceitual e operacional no universo da ciência da ação motriz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tratamento dessa forma de semiologia motriz e interativa nos remete ao tema clássico na pesquisa praxiológica, que repousa em função da originalidade das situações motrizes. Em sua obra do ano de 1999 (*Jeux, Sports et Sociétés. Lexique de Praxéologie Motrice*), Parlebas analisa a “dinâmica das interações” entre os assuntos da cultura corpórea: uma dança, um jogo, uma brincadeira, uma luta etc. Ele distingue essas relações corpóreas dentro das suas ações motrizes particulares para manter a autenticidade e a legitimidade dessa cultura.

Nessa configuração, o contexto das ações motrizes se compromete em manter o sistema interno das condutas narradas corporalmente, em evidenciar sua superfície quiçá “ignorada” para integrá-la à estrutura profunda das ações sujeitadas à sua lógica interna. Se seguirmos o pensamento de Parlebas e a operacionalidade científica

das ações motrizes, percorreremos este conhecimento da exposição de fatos motrizes, em que os sujeitos mostram suas condutas, apropriando-se das manifestações impressas numa determinada cultura corporal, que não deixam de produzir dados (motrizes) integrados entre a estrutura do evento motor e as condutas motrizes de sujeitos que se movem.

A teoria do professor Pierre Parlebas é pertinente para o estudo das formas motrizes estruturadas. A Equoterapia aqui apresentada sob o ponto de vista da PM se apoia nessas formas sistêmicas. Estas postulam efetivamente o conhecimento da lógica interna interativa, suas mensagens corpóreas, que produzem valores, papéis, signos, gestos e condutas, enfim, comportamentos. Esses comportamentos na Equoterapia precisam ser transparentes e diretamente articulados ao seu ambiente domesticado para evitar riscos. A nossa análise se dirigiu para esse acontecimento motor, no qual foi possível destacar, interpretar signos que caracterizam uma prática equestre dentro de uma conformidade sociomotriz cooperativa, sem antagonismos em relação à sua lógica interna, ou seja, como jogo estratégico de agentes equoterápicos para inclusão de um cavaleiro em condições específicas, que é um sujeito comunicante que expõe seus signos motores em relação aos agentes, num espaço determinado cumprindo ações motrizes do jogo (equoterápico).

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA – ANDE. Curso básico de equoterapia. **Livro Didático**. Brasília, DF, 2020.

CASTALENAS, L.; DURÁN, C.; LAGARDERA, F.; LASIERRA, G.; LAVEGA, P.; MATEU, M.; RUIZ, P. Estudio praxiológico de las prácticas deportivas, expresivas, lúdico-recreativas y aprehensivas. In: APUNTS **Educación Física y Deportes**. Catalunya, n. 32, jun, p.27-36, 1993.

GARAÚJO, P. P.; FRANCHI, S.; LAVEGA, P. Praxiologia Motriz: educação física como educação das condutas motrizes. In: BORTOLETO et. al. (Orgs.). **Conexões. Educação Física, Esporte e Saúde**. Campinas. v. 18, p.1-14, 2020.

OLIVEIRA, F. A. de; BARBIÉRI, A. F.; FAICO, D. R.; FAICO, M. M. M. História da equoterapia. In: SOARES, D. F. G. et al. (Orgs). **Equoterapia: teoria e prática**. Caratinga: FUNEC, 2011.

OTERO, F. L.; BRURGUÊS, P. L. **Introducción a la Praxiología Motriz**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2003.

PARLEBAS, P. **Linguistique, semiologie et conduites motrices**. Paris: Éditions EPS. n. 144, p. 49-52, mar./avr. 1977.

PARLEBAS, P. **Perspectivas para uma educação moderna**. Andalucía: Junta de Andalucía, Dirección General de Deportes, 1987.

PARLEBAS, P. Los universais de los juegos deportivos. In: Praxiología Motriz. **Revista Científica de las Actividades Físicas, los Juegos y los Deportes**. Gran Canaria, v. I, n. 0, p. 15-29, 1996.

PARLEBAS, P. **Jeux, Sports et Sociétés. Lexique de Praxéologie Motrice**. Paris: Collection Recherche, 1999.

RAMOS, J. R. da S. **O jogo como linguagem: a abordagem funcionalista da linguagem nas práticas corporais coletivas**. Niterói, 2007. 190f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal Fluminense-UFF, Niterói, 2007.

Contribuição de autoria

1 – José Ricardo da Silva Ramos (Autor correspondente)

Professor associado no DeptTPE – Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense, Mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho, Licenciatura em Educação Física e Especialista em Equoterapia, Treinamento Desportivo e Alfabetização de Crianças das Classes Populares.

<https://orcid.org/0000-0002-6124-5605> • josericardo63@gmail.com

Contribuição: Redação do manuscrito original.

Como citar este artigo

RAMOS, J. R. da S. A lógica interna de uma situação motriz equestre: a Equoterapia em análise. **Revista Kinesis**, Santa Maria, RS, v. 42, n. esp. 1, e84428, p. 1-16, 2024. Dossiê Praxiologia Motriz. DOI 10.5902/2316546484428. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2316546484428>. Acesso em: dia mês abreviado. ano.